

Anáforas indiretas nominais definidas e indefinidas caracterizadoras de personagens e eventos em narrativas afiliadas ao lendário amazônico

Defined and indefinite nominal indirect anaphors
characterizing characters and events in narratives affiliated
with the legendary amazonian

Anáforas indirectas nominales definidas e indefinidas que
caracterizan personajes y eventos en narraciones afiliadas a
la legendaria Amazonía

Heliud Luis Maia Moura¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar o papel das anáforas indiretas nominais definidas e indefinidas em narrativas afiliadas ao lendário amazônico, tendo em conta a forma de construção de determinados referentes e o modo como o produtor textual (re)categoriza os personagens-tema e eventos ligados a estes. Para este estudo, tomo como referencial teórico as postulações de Apothéloz (1995, 2003), Cavalcante (2003), Cunha Lima (2003), Kleiber (2001), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2006), Koch e Elias (2009a, 2009b), Marcuschi (2007), Mondada (2005), Mondada e Dubois (2003), Moura (2013, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Schwarz (2000), Tomasello (2003) e Van Dijk (1977). As análises realizadas apontam para o fato de que os referentes, nas histórias em análise, são instáveis e dinâmicos, já que são constituídos tanto por estabilidades/instabilidades sociodiscursivas, quanto por estabilidades/instabilidades sociocognitivas quando mobilizados na atividade textual, especificamente no que diz respeito à forma como são (re)categorizados nos diferentes contextos nos quais estão situados e fazem sentido.

Palavras-chave: Linguística textual. Referenciação. Anáforas indiretas nominais.

ABSTRACT: This work aims to analyze the role of nominal and undefined indirect anaphors in narratives affiliated with the legendary Amazonian, taking into account the way of construction of certain referents and the way in which the textual producer (re)

¹ Doutor em Linguística pela UNICAMP, é docente pesquisador da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará. Professor Adjunto IV do Magistério Superior, atua tanto na Graduação quanto na Pós-graduação do Curso de Letras, como também em outros cursos superiores da UFOPA. E-mail: heliudlmm@yahoo.com.br

categorizes the theme characters and related events to these. For this study, I take as a theoretical reference the postulations of Apothéloz (1995, 2003), Cavalcante (2003), Cunha Lima (2003), Kleiber (2001), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2006), Koch and Elias (2009a, 2009b), Marcuschi (2007), Mondada (2005), Mondada and Dubois (2003), Moura (2013, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Schwarz (2000), Tomasello (2003) and Van Dijk (1977). The analyzes carried out point to the fact that the referents, in the stories under analysis, are unstable and dynamic, since they are constituted both by sociodiscursive stabilities / instabilities, and by sociocognitive stabilities / instabilities when mobilized in textual activity, specifically with regard to the way they are (re) categorized in the different contexts in which they are located and make sense.

Keywords: Textual linguistics. Referral. Nominal indirect anaphores.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar el papel de las anáforas indirectas nominales e indefinidas en las narraciones afiliadas a la legendaria Amazonía, teniendo en cuenta la forma de construcción de ciertos referentes y la forma en que el productor textual (re)categoriza los personajes temáticos y eventos vinculados a estos. Para este estudio tomo como referencia teórica las postulaciones de Apothéloz (1995, 2003), Cavalcante (2003), Cunha Lima (2003), Kleiber (2001), Koch (2002a, 2002b, 2004, 2006), Koch y Elias (2009a, 2009b), Marcuschi (2007), Mondada (2005), Mondada y Dubois (2003), Moura (2013, 2016, 2017a, 2017b, 2018), Schwarz (2000), Tomasello (2003) y Van Dijk (1977). Los análisis realizados apuntan al hecho de que los referentes, en las historias bajo análisis, son inestables y dinámicos, ya que están constituidos tanto por estabildades/inestabilidades sociodiscursivas como por estabildades/inestabilidades sociocognitivas cuando se movilizan en la actividad textual, específicamente con respecto a la forma en que son (re)categorizados en los diferentes contextos en los que están ubicados y tienen sentido.

Palabras clave: Lingüística textual. Referencia. Anáforas indirectas nominales.

Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir o papel das anáforas nominais definidas e indefinidas em narrativas afiliadas ao lendário amazônico, observando a forma como determinados referentes são construídos e considerando o modo como o produtor desses relatos (re)categoriza os personagens-tema em questão, já que estes primam não só por certas estabildades sociodiscursivas, mas também por instabildades sociocognitivas quando mobilizados na atividade textual.

As anáforas, em análise, são instrumentos sociocognitivos e sociodiscursivos pelos quais o produtor textual constrói a atividade narrativa, que

se caracteriza por instaurar um conglomerado de sentidos necessários às suas intenções comunicativas. Assim, esse produtor textual realiza uma conexão de sentidos e retomadas para a qual convergem significações em mobilização no contexto cultural em que está imerso, implementando um conjunto de acepções dadas não só pela atividade textual em nível de cotexto, mas, sobretudo, significações engatilhadas ao modelo do mundo textual. Reafirma-se, desse modo, a relevância das anáforas diretas e indiretas, tanto definidas quanto indefinidas, para a construção do ato interativo, especificamente no que concerne à produção das histórias em análise.

Bases Teóricas

Segundo Marcuschi (2007), as referências são construídas e mobilizadas discursiva e interativamente. Postula o autor que a referenciação constitui uma atividade criativa e não apenas um ato de designar fatos, pessoas, atos e eventos. Logo, a construção referencial deve ser concebida como nuclear na aquisição da língua, sendo extensiva a todas as ações linguísticas. Na esteira do autor, considera-se que a língua em si mesma não fornece a determinação semântica para as palavras e estas, tomadas isoladamente, não providenciam sua própria dimensão semântica. Assim, somente uma cadeia lexical situada num sistema sociointerativo e sociocognitivo é capaz de produzir sentidos. Por essa perspectiva, a língua constitui um sistema de indeterminações sintático-semânticas e discursivas no qual se constroem as ações dos interlocutores, sendo estas constringidas pragmaticamente em termos de um sentido co-construído na própria atividade interacional.

Koch (2006) postula que a referenciação constitui uma atividade discursiva, o que implica uma concepção não-referencial da língua e da linguagem. Segundo a autora, a questão da referência não diz respeito a uma representação especular da língua em relação ao mundo. A realidade é construída, mantida e alterada não somente pelo modo como nomeamos o mundo, mas, sobretudo, pela forma como interagimos com ele, o que significa

dizer que interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com os entornos físicos, sociais e culturais. A referência constitui, então, o resultado das operações sociocognitivas que realizamos no contato direto ou indireto com a realidade do universo biossocial que nos cerca. Com base nesse pressuposto, as entidades, eventos, situações e personagens desse universo passam a ser (re)construídas em objetos de discurso e não como objetos do mundo.

Segundo Koch e Elias (2009b), as anáforas indiretas, diferentemente das anáforas diretas, são geralmente construídas por expressões nominais definidas e indefinidas, assim como por pronomes, sendo tais anáforas interpretadas referencialmente sem que lhes corresponda um elemento antecedente ou subsequente explícito na cadeia textual. Para realização de tais anáforas, ocorrem estratégias de ativação de referentes novos e não somente uma reativação de referentes já conhecidos ou dados, recorrendo-se a um processo de referenciação implícita quando da realização de atividades referenciais anafóricas indiretas.

Ainda conforme Koch e Elias (2009b), as anáforas indiretas, expressas por sequências nominais definidas e indefinidas ou mesmo por pronomes, requerem inferenciações implícitas inscritas em elementos textuais ou em modelos mentais, recorrendo-se, nesse caso, a modelos cognitivos ancorados no modelo do mundo textual ou a relações semânticas de âmbito sociocognitivo, em que determinados sintagmas nominais também definidos ou indefinidos operam relações meronímicas do tipo parte-todo.

Para Koch e Elias (2009a), as expressões nominais definidas e indefinidas, ao realizarem o processo de progressão textual, exercem funções importantes na construção do texto. Assim, introduzem novos referentes, novas sequências, fatos e eventos que estão sendo mobilizados numa determinada narrativa. Considerando a forma como o locutor textual reconstrói, via objetos de discurso, o contexto em que se dá a ação verbal, tais expressões têm a propriedade discursiva de caracterizar os referentes que atuam no contínuo textual; logo,

esses referentes consorciavam-se com a natureza da atividade discursiva posta em curso.

Considerando a importância das noções de objetos de discurso e contexto para este trabalho, conceituo os primeiros, de acordo com Koch (2006), reafirmando que estes não são os objetos do mundo factual ou empírico, mas objetos construídos na/pela linguagem, mais precisamente os objetos constituídos na própria ação verbal, situada e pragmatizada. Já o contexto, segundo Van Dijk (1977), constitui o conjunto de todas as propriedades da situação social, as quais são relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso, assim como de suas estruturas. De acordo com Koch e Elias (2009b), o contexto não somente condiciona o discurso como, sobretudo, o transforma. Para as autoras, o contexto é construído e reconstruído no decurso da atividade discursiva, sendo este dinâmico, transformável e não estático. Daí que a atividade referencial constitui-se como decorrente da própria natureza fluida e dinâmica do contexto.

Segundo Schwarz (2000, p. 58), ao conceituar a anáfora indireta, propõe que

[...] no caso da Anáfora Indireta trata-se de expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

As proposições de Schwarz (2000), são relevantes porque contemplam o aspecto semântico-discursivo próprio da anáfora indireta. Assim, a AI caracteriza-se por estabelecer nexos de correlação semântica entre os referentes constitutivos da atividade textual, não havendo, nesse caso, uma correspondência formal estrita entre esses referentes, ativando-se também novos referentes no decurso da progressão tópico-temática, o que concede ao processo de textualização uma dinâmica *sui generis*, coadunada com o projeto de dizer do locutor textual.

Schwarz (2000), ao falar da anáfora indireta, refere-se às expressões definidas constitutivas desse tipo de anáfora, no entanto, Cunha Lima (2003) faz menção ao artigo indefinido também constitutivo dessa anáfora, nesse sentido afirma que

[...] a anáfora introduzida por artigo indefinido é um tema pouco debatido em geral na literatura sobre o processo anafórico. A maioria dos autores, (como Apothéloz, 1995 e Kleiber, 2001), ao considerarem o fenômeno anafórico, privilegiam retomadas através do uso do artigo definido e de pronomes demonstrativos possessivos. [...] (CUNHA LIMA, 2003, p. 133).

Ainda segundo Cunha Lima (2003, p. 134),

[...] apenas recentemente, o papel dos indefinidos para a realização de anáforas tem chamado a atenção de diversos pesquisadores, como Schwarz (2000), Koch (2002a; 2002b) e Cavalcante (2003). Essas autoras são unânimes em afirmar que ao contrário do que se previu inicialmente, o indefinido também funciona como introdutor de expressões nominais anafóricas e também serve à continuidade referencial [...].

Assim, para Cunha Lima, as anáforas tanto diretas quanto indiretas são constituídas pela presença de determinantes definidos e indefinidos, o que concede a essas anáforas um estatuto singular dentro dos estudos da Sociocognição e da Linguística Textual. Nesse sentido, os processos de definição e indefinição constroem, por diversos modos, retomadas consorciadas com redes de sentidos atreladas ao contexto em que se dá a atividade sociointerativa, a conhecimentos de mundo (com)partilhados pelos sujeitos, no qual se reconhecem como também construídos por sentidos em mobilização nos contextos socioculturais de que fazem parte.

Ainda em relação a aspectos teóricos e metodológicos relativos tanto às anáforas diretas quanto indiretas, Cunha Lima (2003, p. 137), afirma:

Já a concepção ampliada foca-se mais na dinâmica textual e na construção de objetos de discurso (Apothéloz, 1994; Berrendoner, 1995; Mondada e Dubois, 1995; Marcuschi e Koch, 2002). Para os partidários dessa concepção, que também é adotada aqui, as anáforas servem tanto à continuidade e manutenção referenciais quanto à

construção dos sentidos no texto, sendo fundamentais para o processo de referência. Como os aspectos centrais da análise estão relacionados a essa dinâmica, o traço fundamental da anáfora é a retomada ou a remissão a elementos anteriores do cotexto que alguns elementos textuais (notadamente pronomes e grupos nominais) demandam para o cálculo do seu sentido.

Mediante o exposto, as definições e indefinições anafóricas das entidades afiliadas ao lendário, aqui descritas, estão atreladas aos contextos sociocognitivo e cognitivo-discursivo reconstruídos pelo produtor das histórias em estudo. Logo, as descrições têm um papel importante na reconstrução do contexto cultural em que essas narrativas são contadas, validando o estatuto simbólico de tais histórias, regulando práticas e regrido comportamentos.

Em termos de progressão referencial, Koch (2006) postula a existência de estratégias por meio das quais o produtor do texto realiza a categorização ou recategorização discursiva de referentes, a saber: (i) uso de pronomes ou elipses; (ii) uso de expressões nominais definidas; (iii) uso de expressões nominais indefinidas. Na descrição definida, o locutor faz uma seleção, levando em conta as propriedades atribuíveis a um referente, dentre aquela(s) que, numa determinada situação, é (são) relevante(s) para a concretização do seu projeto intercomunicativo.

Para a autora, a opção por determinada descrição definida pode propiciar ao leitor/ouvinte informações relevantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, levando-o à (re)construção do sentido. O locutor pode, algumas vezes, ter o propósito de, pelo emprego de uma expressão definida - sob a perspectiva do dado - dar a conhecer ao interlocutor, nas mais variadas intenções, características ou fatos relativos ao referente que pensa ser desconhecidos do seu interactante.

De acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 20):

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referência*, tratando-a, assim como à categorização, como o advindo de práticas simbólicas mais que de uma

ontologia dada. Como diz Rastier, a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado” (1994:19). Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções, individuais e públicas do mundo.

Ainda segundo Mondada e Dubois (2003), indo-se da referência à referenciação, questiona-se os processos de discretização e de estabilização. Esta visão dinâmica das relações sujeito-mundo considera não só o sujeito em sua materialidade físico-orgânica, mas, sobretudo, um sujeito sociocognitivo cuja mediação se estabelece pela relação indireta entre os discursos e o mundo. Nesse sentido, o sujeito constrói o mundo no decurso ou cumprimento de suas atividades sociais, tornando-o estável por meio das categorias, especificamente no que se refere às categorias construídas no/pelo discurso. Por essa perspectiva, os processos de categorização e discretização não são estáticos e congelados, mas constituídos de maneira fluida, instável e dinâmica. Ainda por esse viés, as autoras postulam que a mudança e a instabilidade dos referentes, constituídos em objetos de discurso, não são exceções ou problemas, mas uma dimensão intrínseca e inescapável do próprio discurso e da cognição.

Apothéloz (2003, p. 53) afirma que

[...] a fronteira que Benveniste traça aqui é a que opõe duas ordens de fatos: aquele, formal, da sintaxe, e aquele da ação da linguagem. Por isso essa distinção interessa diretamente à problemática da anáfora. As expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições, conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão, ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

As concepções de Apothéloz são relevantes porque consideram os processos anafóricos como predominantemente constituídos no discurso, ou seja, como dependentes de fatores contextuais e pragmáticos, em que atuam elementos de ordem sociocognitiva ou cognitivo-cultural, de modo que os sentidos mobilizados no âmbito da linguagem estão atrelados a significações já

dadas pelos contextos nos quais determinados referentes são construídos e, quando evocados nesses contextos, referendam práticas/sentidos comuns, compartilhados pelas comunidades que interagem em função da concepção que têm de certas construções instituídas no próprio discurso.

Segundo Mondada (2005, p. 12):

A análise dos recursos formais mobilizados nas atividades referenciais depende largamente das opções esboçadas: as escolhas formais podem ser concebidas como reflexos das propriedades do referente, ou, então, como manifestação de estados mentais; ou, ainda, como a exploração de recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de um alinhamento, tornando, assim, pertinente, visível e presente um referente que é tratado não como um objeto do mundo, mas como um objeto-de-discurso.

Assim, para Mondada, um dado referente não existe apenas em detrimento de suas propriedades formais, lexicais ou sintáticas atuantes no sistema linguístico, mas coexiste em sua relação necessária com outras formas-sentido, interagindo no contexto de uma determinada prática discursiva, na qual os referentes são dotados de especificidades, singularidades e nuances muito particulares, mormente quando atuantes em determinadas práticas languageiras, configurando-se como propriedades de uso, no discurso, de concepções de domínio de grupos ou comunidades culturais.

Para Moura (2013, 2016, 2017a, 2017b, 2018), com base em Mondada (2003, 2005), Mondada e Dubois (2003) e Apothéloz (2003), a referenciação é uma atividade sociocognitiva e cognitivo-cultural por meio da qual construímos as interações no mundo biossocial. É por meio dela que reconstruímos, em linguagem, os sentidos mobilizados nos mais díspares contextos existentes na arena social. Por essa perspectiva, o ato de referenciar não constitui uma forma de nomear objetos, seres e eventos, mas é uma atividade socioconstrutiva pela qual transitamos nos vários espaços interativos, o que nos proporciona uma espécie de dinâmica ao referirmos aos fenômenos, pessoas e eventos constitutivos das instâncias discursivas integrantes de uma sociedade. A referenciação é, portanto, uma maneira ou uma estratégia sociocognitiva de acesso, pela língua e pela linguagem, aos diversos objetos socio-históricos em

circulação no universo da cultura, seja aquela da qual fazemos parte, seja aquela que não nos constitui enquanto sujeito e identidade. Assim, a determinação e a indeterminação dos objetos do mundo têm como elemento mediador o modo como nos relacionamos em termos simbólicos com esses objetos, os quais são reconstruídos pela (língua)gem em situações específicas de produção de discurso.

Tomasello (2003) postula que o nosso eu intencional se constitui pela forma como nos relacionamos com as intenções de nossos co-específicos, o que torna as atividades referenciais um processo dinâmico de reconstrução de eventos e fenômenos em veiculação na sociedade em que estamos inseridos. Nesse sentido, os processos referenciais são ações *interpsicológicas* de contato com o mundo pelo exercício da linguagem, diferenciada em suas formas de construção e produção do sentido. Logo, não apontamos para o mundo, numa espécie de dêixis isomórfica, estática e direcional, mas referimos a ele por meio da reconstrução de conceitos/ideias nas nossas interações, as quais primam pela instabilidade e pelo conflito.

Retomando Marcuschi (2007), é válido postular que a referenciação é um processo pelo qual a intersubjetividade se realiza. Desse modo, a construção da referência se dá no embate pela busca do sentido, constituindo-se como ação conjunta e intercolaborativa, em que os indivíduos buscam (re)afirmar suas intenções comunicativas, mediante conceitos já estabelecidos ou em mobilização nos contextos interativos. Logo, os sentidos são construídos como instâncias colaborativas e como um modo por meio do qual os indivíduos atribuem valores e juízos acerca do que ouvem e dizem. Por fim, as atividades referenciais de determinação e indeterminação dos objetos do mundo e seus eventos constituem ações de intervenção e ressignificação de tais objetos, o que vai depender da forma como os sujeitos se relacionam com eles.

Procedimentos Metodológicos

O *corpus* em análise consta de 17 (dezesete) narrativas contidas em 13 (treze) números da Revista *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia* (1997-2004). Essas narrativas foram produzidas pelo escritor paraense Walcyr Monteiro entre os anos de 1997 e 2004, e versam sobre histórias de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira. Os citados números foram publicados pela Editora Smith – Produções Gráficas, na cidade de Belém-Pará. Todas as histórias constantes, nessa revista, são (re)criações do mencionado autor, as quais estão ancoradas no universo sociodiscursivo e cultural amazônico.

O citado *corpus* constava inicialmente de 65 (sessenta e cinco) narrativas contidas nos 13 (treze) números da revista supracitada. Esses números foram adquiridos em lojas de artigos regionais, bancas de revistas situadas em vias públicas e shoppings de Belém e Santarém, já que todos os 13 (treze) números não estavam disponíveis em um só destes vários pontos ou estabelecimentos comerciais.

Com base nos itens apresentados, das 65 (sessenta e cinco) narrativas escritas mencionadas, restringi-me a estudar 25 (vinte e cinco). Deste total, 17 (dezesete) referem-se a entidades como Boto Cobra, Matintaperera e Curupira, o que vem a corresponder a 68% da totalidade acima expressa, e 08 (oito) são relativas a assombrações e visagens, correspondendo a 32% da mesma totalidade. No entanto, por entender que as histórias de assombrações e visagens destoavam, principalmente no que diz respeito às suas várias temáticas, das narrativas de Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, já que estas últimas tratam de temáticas referentes a personagens lendários típicos e que são bastante recorrentes no universo amazônico, resolvi delimitar ainda mais o *corpus*, ficando este restrito às 17 (dezesete) histórias das entidades lendárias supracitadas. Destas, 04 (quatro) são de Boto, 05 (cinco) de Cobra, 05 (cinco) referem-se à Matinta e 03 (três) são relativas à(o) Curupira.

A delimitação de 25 (vinte e cinco) para 17 (dezesete) refere-se ao fato de que estas últimas, concernentes aos personagens em questão, possuem um significado simbólico próprio, já que tais personagens se instituem como bastante reificados no contexto cultural em que essas narrativas são contadas.

Levando em conta as 04 (quatro) entidades mencionadas, temos, portanto, 04 (quatro) temáticas gerais diferentes, concernentes a tais entidades, o que justifica a divisão em 04 (quatro) blocos distintos. Ressalto também a questão de que os temas gerais, relativos aos 04 (quatro) personagens em pauta, não são homogêneos ou uniformes, pois contêm significados ou subtemas específicos dentro de cada um deles, os quais se referem às características ou particularidades das narrativas que aí estão inseridas.

Análise do Corpus

Tendo em conta as especificidades do *corpus*, pude detectar que as entidades ou personagens afiliadas ao lendário e eventos ligados a estas são referidas pelo uso de anáforas nominais definidas e indefinidas. Entidades como o Boto, a Cobra, a Matintaperera e o(a) Curupira são, portanto, construídas e caracterizadas a partir da maneira como tais anáforas operam nas histórias sob análise, com desdobramentos cognitivo-discursivos no que diz respeito à ativação e reativação desses referentes na estrutura textual.

Por outro lado, essas expressões, ao referirem as entidades e eventos supracitados, acabam levando, algumas vezes, a recategorizações ou alterações destes dentro da cadeia referencial, o que está relacionado com a forma como são perspectivados sociocognitivamente pelo produtor do texto. Assim, nas narrativas em questão, uma entidade tem uma forma mais ou menos recursiva por meio da qual é referenciada e estruturada. Um tipo de configuração textual ou sintagmática pode implicar sentidos por meio dos quais a progressão referencial se realiza em relação a uma entidade, considerando os significados que são tidos como relevantes para a construção desta no texto e para o seu próprio produtor.

Postulo que as anáforas nominais definidas e indefinidas, viabilizadas nas 17 (dezesete) narrativas relativas às entidades e eventos mencionados, não são resultado de estruturas reificadas e fixas referentes a esses gêneros, mas são decorrentes de fatores sociocognitivos e cognitivo-culturais, os quais podem

influenciar na construção dos textos em apreciação. Por essa perspectiva, é válido propor acerca da existência de estruturas conceituais e cognitivas que regem a construção dos sentidos das narrativas em pauta e que são mobilizadas pelo escritor na atividade de produção desses específicos artefatos simbólicos.

Observe-se o excerto 1 em exemplo:

1.

[...] E o velho João começou a narrativa.

- Olhe, moço, já fazem uns tantos anos... Foi logo que me casei com a Mundica. Ela era uma cabocla nova, bonita e bem feita de corpo. Nós tinha casado e estava vivendo no meu barraco na beira do rio... Vida de pobre, sabe como é, né? Não se vivia com riqueza, mas o de comê nunca faltou... E a gente se gostava de verdade e ia levando a vida feliz... Um dia... - a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada - um dia, seu moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa.. Fiquei desconfiado, mas não disse nada, fiquei só observando o jeito dela. Notava que Mundica não era a mesma e chamei ela pr'uma conversa séria.. Que que tá havendo, mulher? Por que tu anda desse jeito? Tu não é mais a mesma... Primeiro ela ficou calada, depois, choramingando, foi que Mundica falou:

- Sabe? É um homem! Um desgraçado que vive rondando nossa casa de noite. Tu ainda não visse, não?

- Não, não vi nada não. E por que tu não me disseste logo? Quem é esse filho duma égua?

- Eu não sei, meu filho, juro que não sei... Quando tu sai à noite que vai pescar, eu fecho toda casa, e ele fica rondando, rondando.

- Ah! se eu pego este filho duma vaca! Ele só vem à noite e quando eu saio?

- E isto mesmo, meu filho..!

E seu João continuou: - Não disse nada. Na minha cabeça - me perdôem vocês, me perdôe Deus - só vinha vontade de matar. E eu ficava pensando quem poderia ser que tava querendo dar em cima da minha mulher... No dia seguinte anunciei bem cedo que ia pra pesca. E saí mesmo.

À medida que ia falando, seu João, como se estivesse muito aborrecido, ia franzindo cada vez mais a testa e o cenho. Procurou se acalmar. Depois continuou.

- Peguei minha montaria e desci o rio para um lugar em que costumava pescar. Fiquei por lá algumas horas. Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, já de noite. O meu barraco, como já disse, era na beira, ficando a frente bem em cima do rio. Os fundos dela é que ficavam em terra. Fui chegando de mansinho, bem devagarinho. E no que olho, o que vejo? Lá tava o *dito cujo* tentando entrar em meu barraco, forçando portas e janelas. Não tive dúvidas... Peguei o arpão que levava comigo e com a força da raiva qu'eu tava arpoei o *filho duma vaca*... E fui pra cima dele já com a faca na mão... Ele não deu um gemido. Emitiu um som esquisito. E correu pra frente da casa e... tchibum, se jogou n'água... confesso que não entendi... isso tudo foi muito rápido, foi tudo muito de repente... não ouvi barulho de nada... tinha certeza que tinha acertado o *filho duma égua*... mas não ouvi mais nada. Bati. Mundica abriu a porta. Eu disse só "arpoei o

safado que tava rondando o barraco". E fui dormir. Pessoal, vocês nem querem saber...

Todo mundo estava silencioso, concentrado em seu João para ouvir o fim da história. Ele continuou.

- No dia seguinte, acordei pensando. Será que matei *o cara*? Ou será que só feri? Mas, neste caso, eu não vi ele sair nadando... Quando chego na porta da frente da casa, que vejo na beira?

Ninguém nem respirava. Seu João fez suspense, olhando para cada um dos que estavam no bar ouvindo a história. E concluiu.

- Era *um Boto*. Um enorme de *um Boto*, morto, bem defronte de meu barraco, com meu arpão enterrado no meio do corpo. [...] (MONTEIRO, 2000b, p. 9-10).

A observação do excerto 1 leva-nos a detectar que a introdução do referente principal se faz por meio de uma anáfora indireta nominal indefinida. No entanto, no decorrer do processo narrativo que precede o desvelar do referente central ao tópico, uma sequência de elementos é colocada em ação, com o objetivo de (re)categorizar e qualificar um outro referente, supostamente humano, para o qual as reconstruções ou recategorizações fazem mais sentido, dentro da progressão referencial que aí se apresenta. Mas essas reconstruções se realizam tanto por meio de anáforas indiretas nominais indefinidas quanto por meio de anáforas indiretas nominais definidas. Logo, para o referente "ainda" tido anteriormente como pertencente à categoria humana, ou seja, passível de ser desvelado como inserido nessa categoria semântica, as formas indefinidas constituem-se, aí, como discursivamente mais apropriadas, já que é a partir delas ou por elas que o referente novo (um Boto) é preliminarmente introduzido. No entanto, no avançar da progressão tópico-temática, o referente principal passa a ser retomado por AI nominais definidas, que também reconstroem ou (re)categorizam esse referente principal, colocado, inicialmente, por meio da expressão *um homem*.

As anáforas indiretas nominais manifestas por expressões definidas e indefinidas - apresentadas neste exemplo - remetem, do ponto e vista sociocognitivo e sociodiscursivo, a construções de sentido em mobilização no contexto cultural em que as narrativas de Boto são (re)contadas, remetem, portanto, à memória discursiva do produtor dessas narrativas, coadunando-se

com elementos integrantes do modelo do mundo textual, a partir do que os diferentes narradores (re)contam histórias como as aqui analisadas.

Ao narrar, o produtor textual convoca anaforicamente expressões alocadas nas memórias estratégica e de longo termo, as quais (re)constroem, por várias formas e processos, o referente tópico-temático Boto. Tais anáforas têm a propriedade discursiva de atualizar-se no momento em que esse produtor/narrador mobiliza a atividade narradora, concretizando, assim, o seu projeto de dizer, estando este atrelado a toda uma rede de sentidos, com a qual tal produtor consegue por em curso essa atividade.

Se essas anáforas indiretas atuam retrospectivamente em direção ao contexto sociodiscursivo de produção dessas histórias, elas também atuam, em nível da estrutura textual, como elementos prospectivos que conduzem ao referente nodal desvelado no final da narrativa em estudo.

No excerto 2, observe-se como o referente *cobra*, posto no final do trecho em análise, é ancorado por expressões anafóricas definidas e indefinidas, que concorrem para a construção desse referente central.

Observe-se agora o excerto 2 em exemplo:

2.
Em lá chegando, após contar o caso, *D. Teca* viu o *pajé* concentrar-se e, em seguida, com voz grave, dizer-lhe: - *Seu filho* está encantado no fundo do rio. *A mãe do rio* se agradou dele e encantou ele.
- E o que devo fazer? perguntou, nervosa, *D. Teca*.
- A *senhora* não tem muita coisa a fazer, não... Entretanto, vai ter uma oportunidade para *seu filho* ser desencantado... Mas tem de ser feito como eu digo!
- Diga, diga o que devo fazer, que farei...
- Mas não é a *senhora* que tem de fazer. Olhe, se acalme e me ouça com atenção. Como já disse, o *curumim* foi encantado e agora *vive no fundo do rio*... Mas só quem pode desencantar ele é a *madrinha*. Ele vai aparecer encantado *em forma de uma cobra, uma pequena cobra*, na casa de vocês. A *madrinha* dele deve estar lá. Quando ver *a cobra*, deve jogar em cima dela o pano com que o *curumim* foi batizado. A *cobra* não vai se mexer. (MONTEIRO, 2000c, p. 16-17).

Conforme o exemplo, há expressões nominais definidas que antecipam e realizam a anáfora nominal concernente ao referente principal a ser desvelado no final do excerto: *a cobra*, é o caso das expressões *seu filho*, *o curumim* e *vive*

no fundo do rio. No entanto, no transcurso da progressão tópico-temática, o referente anafórico vai se realizando por meio de expressões nominais indefinidas como *em forma de uma cobra, uma pequena cobra*, as quais também anaforizam o referente tópico-central, colocado no início do excerto. Como se pode observar, as anáforas indiretas nominais definidas e indefinidas ancoram o referente principal, entretanto, essa ancoragem não se dá por meio de formas lexicais ou sintagmáticas estritas, mas por meio de conexão de sentidos engatilhados nos contextos sociocognitivo e sociodiscursivo em que está inserido o produtor textual, levando-se em conta, nesse âmbito, a atuação da memória discursiva desse produtor.

Mediante o exposto, as anáforas indiretas nominais, aqui descritas, operam interrelações de sentido em circulação no contexto cultural de produção de histórias referentes à entidade Cobra. Tais interrelações estão construídas sociocognitivamente e, conseqüentemente, passam a ser ativadas no processo de produção da atividade textual, requerendo-se, assim, conhecimentos de natureza situada quando da atividade de interpretação dessas anáforas. Por essa acepção, concorrem para tal interpretação procedimentos de natureza inferencial, metacognitiva ou mesmo metalinguística, os quais estão ancorados em validações e crenças de âmbito cultural, o que concorre para a compreensão de tais anáforas.

O excerto 3, relativo a uma história de Cobra Grande, o referente constrói-se por meio de diferentes expressões anafóricas, por meio das quais a atividade discursiva se realiza, fazendo o produtor textual retomadas que apontam para diferentes aspectos desse referente, considerando o contexto sociodiscursivo em que este situa e significa.

Observe-se o excerto 3 em exemplo:

3.

[...] Um dos tripulantes, o Marujo, porém, saltou e começou a andar por dentro da mata. Anda aqui, ali e acolá, afastou-se do local onde os passageiros estavam acampados. Sempre examinando o local, ouviu como que o cair de água *de alguém* que estivesse tomando banho de cuia. Aí viu que estava próximo a um igarapé e se aproximou bem devagar, sorrateiramente. Pensando quem poderia ser.

-Será que é *uma das passageiras*?

Sem fazer barulho, aproximou-se mais, sempre se escondendo atrás das moitas. Quando estava perto, o que viu? *Era uma moça loira, cabelos compridos, branca*, sentada num tronco atravessado no igarapé, apanhando água com uma cuia e tomando banho inteiramente nua. Marujo ficou extasiado com aquela bela visão. A *moça* estava de costas para ele e, por isso mesmo, ficou surpreso e espantado quando ouviu:

- Ei moço! O que o senhor está fazendo aí?

Ela não tinha se virado, não tinha olhado pra ele, daí a razão do espanto.

- Não, sa... sabe, eu... eu... eu tava aqui...

As palavras não saíam e Marujo gaguejava, procurando encontrar uma justificativa para o fato de estar espiando.

Ela não esperou o resto da desculpa e, antecipando-se ao que ele ia dizer, falou:

- Chegue mais um pouquinho pra cá!

Naquela época havia mais respeito e foi um tanto encabulado - afinal ela estava nua - que ele se achegou.

Já perto do tronco onde a moça estava, perguntou:

- Mas a *senhora* mora aqui? Porque eu não vi a *senhora* a bordo...!

-É, eu moro ali, naquele rio! (ela falou, apontando na direção do rio Pacoara, do qual o igarapé era afluente). Lá onde estava o motor ancorado.

- Mas, como a *senhora* mora lá, se não tem ao menos uma barraca de palha?

- Bem, eu vou lhe contar a minha história. Eu era criança... O senhor sabe, rio abaixo, onde está o motor, tem um trapiche abandonado, não tem? - Tem, sim, senhora...

- Pois é, onde está este trapiche existia um armazém que era dos meus pais. Quando eu tinha oito anos, estava brincando no trapiche quando se aproximou *uma Cobra Grande* e me encantou. Quando meu pai deu por falta de mim, me procurou muito. Procura daqui, procura dali, mas nunca me achou. Aí pensou que eu tinha morrido no rio, embora meu corpo nunca fosse encontrado. Ele, desgostoso, foi embora pro Acre. Deixou a casa, abandonou tudo e foi embora... Já fazem sete anos que aconteceu isto e ainda não apareceu uma pessoa de coragem para me desencantar. Está faltando esta pessoa...

Marujo, achando tudo inacreditável, ficou olhando pra ela e quis dizer alguma coisa, mas nem conseguiu, porque, enquanto ele pensava ainda no que ia dizer, ela falou na frente:

- Eu vou fazer uma proposta pro senhor. Posso?

Ele ficou emudecido de início. Depois se encheu de coragem e disse:

- Pode!

- É o seguinte: eu quero antes de tudo lhe dizer que, se fizer por mim, o senhor vai ser feliz pro resto da vida. Mas só depende do senhor. O senhor tem coragem de me desencantar?

Ele parou pra pensar, refletiu e finalmente falou:

- Tenho. O que eu tenho que fazer?

- Olhe, hoje à noite, quando faltar quinze minutos pra meia-noite, o senhor vai até o trapiche velho. Fique lá em pé, me aguardando. Vou aparecer, em forma de Cobra, com uma rosa vermelha na boca. O senhor vai ter que tirar essa rosa. Se conseguir, me desencanta...! E essa rosa o senhor guarda consigo que o que precisar de bom na vida, conseguirá! Agora, se falhar, dobrará o meu encanto...

Ele pensou rapidamente e disse:

- Eu faço!

- O senhor faz mesmo?

- Faço!

- Então vá pra lá, que vou lhe esperar. O senhor terá direito a três tentativas.

Ele voltou pra bordo e nada disse a ninguém. Jantou, ficou fazendo hora e mais tarde saiu. Foi beirando o rio até chegar ao local combinado. Lá ficou em pé, agarrado num esteio velho. A água estava rês ao trapiche. Olhou em torno. A vista era assustadora: além do que restou do velho trapiche, só se via as ruínas da casa e do armazém dos pais da moça. Mas, corajosamente, Marujo permaneceu ali, decidido a promover o desencantamento. A noite estava um pouco nublada, mas o que aparecia da lua dava bem para ver a água do rio. De repente - era quase meia noite - ele ouviu um movimento rio abaixo e, no que olha na direção, *vê aquela coisa enorme*, subindo contra a correnteza do rio, com os olhos que pareciam dois holofotes. Era *a Cobra Grande!* Ele segurou firme no trapiche com a mão esquerda e, quando a *Cobra* passou perto dele, tentou tirar a rosa com a mão direita. Mal conseguiu tocar a rosa. A *Cobra* sumiu rio acima.

Marujo pensou:

- Sim, senhor! Será que falhei na minha missão? Mas ela disse que tenho direito a três tentativas... Vou esperar as outras duas...

Ficou olhando rio acima esperando que a *Cobra* voltasse. No que ele está olhando na direção que a *Cobra* sumira, eis que ela vem do mesmo lado que tinha vindo antes, ou seja, subindo o rio contra a correnteza e na direção contrária a que ele estava olhando. Vinha mais próximo e em maior velocidade e no que ele se espantou - vupt! - ela novamente passou e desta vez ele nem conseguiu se mexer, quanto mais segurar a rosa.

- Puxa, errei de novo! Mas ainda tenho outra vez... Vou me segurar bem e esperar.

Lá veio novamente a *Cobra* da mesma direção que das vezes anteriores. Abraçado ao esteio com o braço esquerdo, esperou que ela passasse. Desta vez a cobra vinha rente ao trapiche e aí conseguiu segurar no talo da rosa. Quase que é arrastado pela *Cobra*, mas, como estava bem seguro, aguentou firme e ficou com a rosa na mão. A *Cobra* continuou subindo o rio até desaparecer...

Marujo ficou uns instantes ali, ainda abraçado ao esteio e olhando a rosa que tinha na mão. Era muito bonita e cheirosa!

Depois subiu ao trapiche e ficou esperando a moça. Nada. Continuou esperando e *ninguém* aparecia.

- Mas, sim senhor, cadê *a moça*? - pensou - Será que ela não vem?

Olhava pro rio esperando que ela aparecesse numa canoa ou montaria. E nem sombra da *moça*..! Começou a olhar em todas as direções, pra cima, pra baixo, pros lados, voltou a olhar pro rio e... nada! Resolveu dar um tempo.

- Vou esperar mais uns quinze minutos e, se ela não aparecer, vou embora! Assim fez. Esperou e, como a moça não apareceu, retirou-se do local.

- Ela não vem mais...! [...] (MONTEIRO, 2000a, p. 23-28).

No excerto, o produtor textual se vale de diferentes estratégias linguístico-discursivas para referir o elemento temático central. Assim, recorre à memória discursiva para construir esse elemento. Logo no início da narrativa, utiliza-se da

forma pronominal indefinida *alguém*; mais adiante, recorre à forma, também indefinida, *uma das passageiras*. No decurso da progressão temática constrói anaforicamente esse mesmo referente por meio de expressões anafóricas indefinidas e definidas como: *uma moça loira, cabelos compridos, branca e sentada num tronco atravessado no igarapé*. Observa-se que todas essas expressões encapsulam e rotulam o referente posto em andamento pela memória discursiva do narrador, sendo retomadas, também, por expressões tais como: *apanhando água com uma cuia e tomando banho inteiramente nua*, que, nesse caso, constituem expressões metonímicas/meronímicas reconstrutoras do elemento referencial em andamento no processo de elaboração da atividade textual.

Como dito, essas expressões anafóricas têm a propriedade discursiva de operar uma remissão ao contexto por meio do qual a ação narrativa se desenrola, estando sempre engatilhadas à memória cultural do produtor do texto, com o que consegue remeter ao referente-objeto do processo narrativo. Assim, esse mesmo produtor/narrador reatualiza o processo anafórico indireto por meio outras expressões, conforme se pode observar no excerto em descrição, por meio de expressões agora definidas: *aquela bela visão; a moça*, como também pelo pronome *ela*, que, em nível do próprio cotexto, atuam como elementos correferenciais das formas nominais já postas na arquitetura textual.

Considerando o contínuo tópico-temático em andamento, o referente é também reconstruído pela anáfora nominal definida *a moça*, sendo recategorizado pela forma nominal definida *a senhora* e pela forma indefinida *criança*, pela forma verbal composta *estava brincando*, desaguando nas formas *uma Cobra Grande* (expressão indefinida) e *me encantou*. Conforme o excerto em análise, o referente central é construído, até a metade da narrativa, tanto por anáforas indiretas nominais definidas quanto por anáforas indiretas nominais indefinidas, havendo uma diferença mínima, até essa metade da narrativa, entre o número de anáforas definidas e indefinidas.

Entretanto, na segunda metade da história, há a predominância total de anáforas indiretas constituídas por expressões nominais definidas, como, por

exemplo, nas expressões *essa rosa*, *a moça*, *aquela coisa enorme*, *a Cobra Grande*, *a Cobra*, *a rosa* e, finalmente, *a Cobra*, que mais adiante no processo narrativo, é anaforizada pela expressão definida *a rosa*, sendo esta reconstituída, logo em seguida, pela expressão anafórica indireta *a Cobra*, a qual passa a ser retomada, mais adiante, pela anáfora indireta *a rosa*. Logo, o referente oscila, nessa última parte da narrativa, entre *a Cobra*, *a rosa* e *a moça*. No caso de *a rosa*, o referente passa a ser expresso por um processo metonímico/meronímico, que refere ao personagem tópico-temático principal *a Cobra/ a moça*, por meio de uma relação parte-todo ou que o todo *Cobra/moça* vem construído por meio da parte (*rosa*, *talo da rosa*), de modo a anaforizar o referente central em jogo na atividade discursiva.

O excerto 4, relativo à entidade *Matintaperera*, contém, sobretudo, anáforas nominais indiretas que apontam, do ponto de vista sociocognitivo, para essa entidade, em circulação no contexto sociodiscursivo no qual o produtor textual constrói todo um conjunto de referências, necessárias a construções de sentido ligadas a essa personagem.

Observe-se, abaixo, o excerto 4 em exemplo:

4.

Era tarde da noite, todos dormiam, quando Roní ouviu um ronco de porco do lado de fora. Estranhou. Não havia porco na casa de Kátia Celene, nem nas vizinhanças. Mas era ronco de porco o que ouvira e que, em seguida, começou a comer tucumãs e a quebrar os caroços nos dentes. Foi olhar por uma fresta da parede da casa de madeira e, para surpresa sua, não viu nada! Lembrou-se de chamar a namorada que, juntamente com o pai e a mãe, ficara dormindo na sala, cada um em uma rede.

Ia saindo do quarto em direção à sala e estancou: só estavam em suas redes a namorada e o pai dela. A rede da mãe estava vazia...

Roní voltou pro quarto e não conseguiu mais dormir, desassossegado que ficou. Ao amanhecer foi embora, desconfiando com tudo que tinha acontecido...

Pensou em falar com a namorada sobre o fato, mas não teve coragem! De noite, lá estava Roní a conversar com Kátia Celene. Mas alguma coisa mudara... Ele perdera a naturalidade, mas mesmo assim ficou até tarde conversando. Quando percebeu que ia dar meia-noite, despediu-se da namorada. Foi só andar alguns metros, eis que ouviu o primeiro assobio da *Matinta Perera*...

Quando ouviu o segundo assobio, Roní apressou o passo. Mas a *Matinta Perera* continuou seguindo-o. Roní saiu então em desabalada carreira, sempre seguido pelos assobios. De repente, Roní sentiu como se o chão

lhe faltasse...

E Maria Ivete concluiu:

- Até hoje Roní não sabe explicar como chegou na casa dele e muito menos como fez pra entrar...

Mas na casa da Kátia Celene nunca mais voltou...

Pra ele – e ele afirmava com toda convicção! – a sua namorada era filha da Matinta Perera...! (MONTEIRO, 2004, p. 25-28).

No excerto acima, o referente anaforizado na narrativa é introduzido pela expressão nominal indefinida *um ronco de porco*. Logo depois, é reconstruído pelas expressões, também indefinidas, *porco*, *ronco de porco* e pelas sequências verbais *começou a comer tucumãs e a quebrar os caroços nos dentes*. Na sequenciação tópica em andamento, o referente nodal passa a ser construído pela expressão nominal definida *a mãe*, assim como pela expressão também definida *o fato*. Todas as expressões, aqui assinaladas, constituem formas anafóricas indiretas que ancoram o referente tópico-central *Matintaperera*, que, ao ser introduzido na cadeia textual-referencial, passa a ser atualizado pela expressão nominal definida *o primeiro assobio da Matintaperera*, sendo retomado, logo após, pela expressão *a Matintaperera* e pela forma meronímica encapsuladora *os assobios*. Como se pode detectar, essa forma meronímica constitui um dos recursos discursivos pelo qual é construído o referente *Matintaperera*, de forma a referi-lo dentro do quadro tópico aí mobilizado no processo de construção da narrativa em análise.

De acordo com as análises realizadas, o referente principal, estruturante da atividade narrativa, é ancorado discursivamente por meio de diferentes expressões em mobilização no contexto no qual as narrativas de Matinta são (re)contadas. Assim, ao ser desvelado no final da narrativa, ele passa a ser construído pela expressão *a Matintaperera*; no entanto, no curso da atividade tópico-temática, é anaforizado, como dito, por meio de diferentes expressões, as quais apontam para o universo sociocultural em que subsistem histórias dessa natureza, (re)conhecidas pelos sujeitos que integram esse universo. Daí que as anáforas indiretas nominais aqui apontadas constituem recursos textual-discursivos apropriados e coerentes para a (re)construção do referente aqui descrito.

No excerto 5, relativo a uma história de Curupira, o produtor textual constrói a referência por meio de determinadas estratégias discursivas, em que a personagem principal da história é anaforizado por meio de características discursivas específicas, que, embora associadas à figura de uma mulher, deslocam-se desta última, operando-se, aí, significados coerentes com as construções sociocognitivas e sociodiscursivas já tipificadas pelo contexto no qual essa personagem faz sentido e circula.

Verifiquemos, logo abaixo, o excerto 5 em exemplo:

5.

[...] “- No início do ano, lá no alto Rio Anapu, Município de Portel, um caçador saiu à noite pra caçar. Seu nome era Francisco Medeiros dos Santos. Ele entrou na mata e já estava bem distante da casa dele. De repente caiu uma forte chuva, deu uma trovoada, e ele ficou assim perto de um pau grande pra se proteger. Mas a chuva aumentou e aí ele viu um pau maior, assim de uns três metros de largura, que tinha um grande buraco. Ele se dirigiu pra lá e aí viu que tinha já *uma mulher* lá dentro. Ele não viu direito, porque era noite, mas era *uma Curupira*. Ele já estava lá e aí pensou: ‘ - Bem, eu não vou voltar. Vou dividir o espaço com *esta mulher*. Ela fica prum lado e eu fico pro outro.” E assim fez. E ficaram os dois lá, dentro do buraco do pau.

Ele acabou deitando e já estava quase dormindo, quando a mulher veio, se chegou e se deitou no braço dele. Aí, sabe como é, né? Eles acabaram se agarrando e fazendo amor. Amanhecaram os dois lá dentro do buraco do pau, agarradinhos. Foi só aí que ele viu que ela era *uma Curupira*.”

Neste ponto da narrativa eu intervi: -E como era essa Curupira?

“- Era uma mulher em carne. A feição dela é que modifica, com *o cabelão comprido e os pés dela pra trás*.

Mas, como eu tava dizendo, eles acordaram e foram juntos até perto da casa dele. Ai ela se despediu, propondo novo encontro dentro de três dias num lugar que ela marcou.

Ele voltou pra casa, pro meio da família - ele tinha mulher e filhos - mas só pensava *na Curupira*. Ficou apaixonado por ela...

Dentro de três dias ele se preparou pro novo encontro. Mas não teve condição de ir pelo mesmo caminho. Então ele embarcou no casco e foi pelo rio abaixo e de lá varou pelo mato até o ponto marcado. E aí eles se encontraram, se amigaram e vivem até hoje, nas matas do Alto Anapu.”

Novamente eu intervi:

- E como é que o senhor soube desta história, com tantos detalhes?

“- Bem, é o seguinte, né? Quem me contou foi um amigo dele. Ele tinha sumido de casa, e os parentes e amigos resolveram procurar e nada de achar. Foi esse amigo que encontrou, inclusive viu *a Curupira*, e ele contou pro amigo, dizendo que não voltava mais.” [...] (MONTEIRO, 2001, p. 19-22).

Na história de Curupira, em análise, o referente é introduzido pela expressão indefinida *uma mulher* que ancora a expressão *uma Curupira*, mas, no decorrer da atividade tópica, esse referente é anaforizado pela expressão nominal definida *esta mulher*. Como se pode observar, esse referente oscila entre duas categorias mutuamente intercambiáveis: *mulher* e *curupira*, que, no caso do exemplo, é retomado pela forma pronominal *ela*, reconstruindo, nesse caso, as categorias humano, feminino, mulher. Assim, no espaço sociodiscursivo, as expressões *esta mulher*, *a mulher* refere anaforicamente a entidade Curupira. Nesse sentido, são propriamente os contextos sociodiscursivo e sociocognitivo que autorizam e permitem a pertinência semântica entre a categoria mulher e a categoria Curupira, já dadas pelo universo cultural no qual circulam histórias referentes a essa entidade; desse modo, há um deslocamento associativo que vai da categoria mulher para a categoria Curupira e vice e versa, descrita, nesse contexto, como *uma mulher em carne*, mas que remete, por associação anafórica indireta, à entidade central mobilizada na estrutura tópico-temática, inevitavelmente construída no universo em que circulam narrativas dessa natureza.

Acrescente-se ainda que o referente mulher, mesmo ancorando anaforicamente a entidade Curupira, não constrói, de modo integral, esta última, visto que essa entidade, afiliada ao lendário, possui características sociocognitivas específicas, como observado nas expressões: *A feição dela é que modifica, com o cabelão comprido e os pés dela pra trás*, o que lhe confere um estatuto simbólico próprio e uma singularidade *sui generis*, por meio dos quais tal entidade existe no universo biossocial em que é construída e significa, regulando determinadas práticas em circulação nesse universo. Dadas as condições por meio das quais essa entidade é veiculada, no contexto de contação de histórias referentes a esse(a) personagem, as construções anafóricas indiretas, que lhes são caracterizadoras, referendam práticas languageiras situadas, precisamente no universo amazônico em que se contam histórias de Curupira. Por essa perspectiva, as associações anafóricas indiretas, aí empreendidas, estão engatilhadas nesse universo semântico-discursivo, sem que

se façam necessárias conexões mais estritas de âmbito lexical ou morfossintático para a sua compreensão.

Vale acrescentar, que quanto mais a entidade Curupira é anaforizada indiretamente pelas expressões *mulher*, *uma mulher* e *a mulher*, como também pela forma pronominal *ela*, mais essa entidade adquire uma característica humana, mesmo que não seja humana, mas se aproxime, por vários recursos discursivos, de uma personagem propriamente feminina/humana, passível de despertar sentimento, paixão, desejo. Embora, construída inicialmente numa instabilidade que oscila entre o humano e o não humano, a personagem é referenciada, no final da história, por meio de uma expressão nominal definida, mesmo que o jogo anafórico indireto, aí empreendido pelo produtor textual, seja construído por uma cadeia de referências que primam pela não gradiência lexical ou por correferências de âmbito morfossintático e semântico mais estritos.

A observação das narrativas, referentes às 04 (quatro) entidades, mostrou diferenciados processos anafórico-referenciais indiretos, expressos por sequências nominais definidas e indefinidas. Essas anáforas remetem sociodiscursivamente a características tipificadas relativas à determinado(a) personagem/entidade, no caso, aos personagens Boto, Cobra, Matintaperera e Curupira, com recorrência de uma forma ou de outra dessas expressões nominais, as quais podem ser, por assim dizer, mais coerentes e adequadas a construção de um determinado(a) personagem/entidade. No entanto, o uso recorrente de uma dessas formas, para nomear uma determinada entidade, pode estar associado a fatores sociodiscursivos e sociocognitivos implicados no(s) contexto(s) de produção das histórias aqui mostradas.

Postulo que o uso de anáforas indiretas, expressas por sequências nominais definidas e indefinidas, nas narrativas em questão, apresenta-se engatilhado a significados simbólicos específicos, reafirmando o fato de que a construção dessas entidades/personagens, por meio dessas sequências, não constitui somente um recurso puramente textual, mas, sobretudo, uma estratégia sociocognitiva que envolve uma espécie de conhecimento cultural prévio e/ou preconstruído acerca dessas entidades/personagens, o que, de certa forma, vem

resultar nas escolhas feitas pelo produtor do texto no que se refere à maneira de definir ou indefinir as citadas entidades, quando da construção de anáforas indiretas relativas a essas entidades.

A tabela que se segue mostra as ocorrências de Anáforas Nominiais Definidas e Indefinidas em relação às entidades/personagens das narrativas analisadas:

Tabela 01 - Expressões nominais definidas e indefinidas.

Narrativas referentes aos personagens lendários	Boto	Cobra	Matinta perera	Curupira	Total
Número de narrativas	04	05	05	03	17
Anáforas nominais definidas	19	34	26	10	89
Percentual	21,35	38,20	29,21	11,23	100,00
Anáforas nominais indefinidas	13	23	11	04	51
Percentual	25,49	45,10	21,57	7,84	100,00
Total de ocorrências de anáforas. nom. definidas e indefinidas	32	57	37	14	140
Percentual (%) total das anáforas. nom. definidas e indefinidas	22,86	40,71	26,43	10,00	100,00
Percentual total de anáforas nom. definidas					63,57
Percentual total de anáforas indefinidas					36,42

Fonte: Do autor, a partir de dados apresentados na revista: *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia* (1997-2004).

Como podemos ver na tabela, de um total de 140 (cento e quarenta) anáforas nominais 89 (oitenta e nove) são definidas e 51 (cinquenta e uma) são indefinidas, correspondendo a 63,57% e 36,42% respectivamente, o que comprova o fato de que as entidades afiliadas ao universo lendário em questão são detentoras de tipos de estabilizações no que se refere à maneira como são reconhecidas e nomeadas nas narrativas sob análise.

Dentre as entidades supracitadas, detectei, então, que a Cobra é a que mais está definida com um somatório geral de 34 (trinta e quatro) anáforas com

expressões nominais definidas, o que equivale 38,20% da citada totalidade. Em segundo lugar, temos a Matinta, com um número de 26 (vinte e seis) anáforas com expressões nominais definidas, correspondendo a 29,21%. Mais abaixo, temos as histórias de Boto, com 19 (dezenove) formas anafóricas definidas, cujo percentual é de 21,35%. Finalmente, as histórias de Curupira, com 10 (dez) ocorrências de anáforas construídas por sequências definidas, equivalendo 11,23% do total.

Acrescente-se, por outro lado, que tendo em conta o fato de que temos 89 (oitenta e nove) anáforas com expressões nominais definidas nas 17 (dezessete) narrativas em estudo, a média dessas anáforas definidas por história é de 5,23%. Isto confirma, mais uma vez, que os personagens protagonistas das narrativas analisadas estão mais propensos a se constituírem como possuidores de características sociodiscursivas e/ou cognitivo-discursivas tipificadas, quando do seu processo de construção nas atividades textual-discursivas sob estudo, particularmente no que trata dos processos referenciais ativados na elaboração sociossimbólica desses entes.

Considerações Finais

Considerando as narrativas de Cobra analisadas, em que essa entidade constitui o personagem-temático, detectei que esta é a que mais está definida, com 38,20% de anáforas construídas por definições em relação às demais entidades lendárias; isto evidencia o fato dessa entidade ser detentora de uma certa estabilidade e conhecimento no universo sociodiscursivo no qual essas histórias são contadas, com implicações sociocognitivas e cognitivo-discursivas no que concerne à forma como esse conhecimento passa a ser construído nas produções escritas em estudo. Tendo em conta as 17 (dezessete) narrativas analisadas, obtive uma média de 5,23% de anáforas construídas por meio de expressões nominais definidas por história, reafirmando a participação de tais anáforas referenciais para as atividades textual-discursivas sob investigação.

Tendo em vista o que os dados apresentaram, as narrativas de Cobra e Matintaperera foram as que mais tiveram a inserção de anáforas nominais construídas por expressões definidas, o que pode confirmar o fato de que essas entidades integram o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado das pessoas que moram na Amazônia, os quais se constituem como bastante estabilizados e disseminados nos vários lugares em que essas narrativas são (re)contadas. Por conta disso, passam a referir-se a tais personagens por meio de formas anafóricas definidas, configurando-se uma espécie de “proximidade psicológica” dessas pessoas em relação a esses entes e suas histórias. Por outro lado, o fato de serem bem conhecidos gera um efeito de reificação e personificação definida no ambiente cultural em que circulam, adquirindo uma espécie de “vida própria”, um significado de autonomia em relação à crença que lhes é atribuída e reafirmada. A própria circulação ampla e recorrente das histórias relativas a esses personagens concorre para a sua definição, não se tendo mais que recorrer a formas genéricas e indefinidas quando da mobilização de estratégias referenciais concernentes a tais entes lendários.

Já as narrativas de Boto, tiveram um percentual baixo de anáforas construídas por expressões nominais definidas em relação às narrativas das outras entidades anteriormente analisadas. É possível que isso aconteça em virtude do fato dessa entidade ser menos propensa a processos de metamorfose e, por conseguinte, a tipos de reconstruções no que diz respeito à sua personagem, no ambiente cultural em que circula. Daí, pelo fato de se constituir como um tanto isomórfico e estável, a indefinição passa a ser um recurso por meio do qual este se mantém numa certa aura de mistério e/ou obscurantismo e não tanto como um personagem comum, bastante conhecido no contexto em que suas histórias são (re)contadas.

Quanto às narrativas de Curupira, mesmo com poucas anáforas construídas por expressões nominais definidas em relação às outras narrativas, tais anáforas ainda superam as indefinidas, evidenciando o fato de que essa entidade lendária também se apresenta como integrada aos conhecimentos de mundo e partilhado das populações que habitam a Amazônia, não tendo estas

que recorrer tanto a anáforas nominais indefinidas quando da mobilização de estratégias referenciais em histórias em que a entidade em questão se constitui como personagem.

Referências

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CAVALCANTE, Monica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53 - 84. (Clássicos da Linguística, n. 1).

APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Genebra: Droz, 1995.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Entre o definido e o indefinido. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003, Rio de Janeiro, RJ. *Trabalho apresentado [...]*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

CUNHA LIMA, Maria Luiza. Artigo indefinido e anáfora. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 44, p. 133-44, jan. / jun. 2003.

KLEIBER, Georges. *L'anaphore associative*. Paris: Press Universitaire Française, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Expressões nominais indefinidas e a progressão referencial*. Campinas: [s.n.], 2002b. Mimeo.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, Lorenza, DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. *In*: CAVALCANTE, Monica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Clássicos da Linguística, n. 1).

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (org.). *Referênciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-31.

MONTEIRO, Walcyr. A rosa. *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém, PA, ano 1, n. 3, p. 23-28, 2000a.

MONTEIRO, Walcyr. História de amor. *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém, PA, ano 4, n. 9, p. 19-22, 2001.

MONTEIRO, Walcyr. História de beira de rio. *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém, PA, ano 2, n. 5, p. 9-10, 2000b.

MONTEIRO, Walcyr. O encantado do Rio Pedreira. *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém, PA, ano 1, n. 3, p. 16-18, 2000c.

MONTEIRO, Walcyr. O namorado da filha da Matinta Perera. *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia*, Belém, PA, ano 6, n. 13, p. 23-25, 2004.

MOURA, Heliud Luis Maia. A construção dos contextos de referência em narrativas amazônicas: um estudo da anáfora indireta. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 59, n. 1, p. 197-214, abr. 2017a.

MOURA, Heliud Luis Maia. *Atividades de referênciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 338 f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, Campinas, 2013.

MOURA, Heliud Luis Maia. Estratégias de repredicação de referentes e progressão temática do texto. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, P, v. 46, n. 3, p. 988-999, nov. 2017b.

MOURA, Heliud Luis Maia. Processos de desfocalização/desativação de referentes e introdução de novos referentes na atividade de produção textual. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, SP, v. 47, n. 3, p. 793-808, 2018.

MOURA, Heliud Luis Maia. Processos de recategorização de personagens afiliados ao universo lendário amazônico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 1147-1159, 2016.

SCHWARZ, Monika. *Indirekte Anaphern in Texten: Studien zur domängebundenen referenz und Kohärenz im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer, 2000.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Text and context*. London: Logman, 1977.

VISAGENS, ASSOMBRAÇÕES E ENCANTAMENTOS DA AMAZÔNIA. Belém, PA: Smith – Produções Gráficas, 1997-2004.